

REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NO DISCURSO MARGINAL: estudando a linguagem no contexto da esquizofrenia

Prof. Nelson Ferreira de Sousa Junior
Departamento de Letras – UFRN

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir a respeito da construção do sentido na fala de pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas, tendo em vista a implicação da percepção, enação e sensopercepção nos esquemas de construção da Linguagem (Lgg). Parte-se, por conseguinte, de uma concepção advinda da Linguística Cognitiva, observando uma proposta de *mente corporificada*.

Palavras-chave: linguística cognitiva; enação; sensopercepção; esquizofrenia.

1 INTRODUÇÃO

Observar uma borboleta em seu curso ou uma colisão automobilística; perceber a textura de um objeto ou a temperatura de um alimento; a fragrância de uma pétala ou o odor de uma indústria; essas experiências podem ser entendidas como fundamentais para nossa própria sobrevivência. Captamos, desse modo, *informações* de um mundo, não crendo, contudo, que essa apreensão é pura em si, uma vez que ela envolve, além de um imbricado aparelho sensorio-motor, uma série de interpretações e padrões culturais complexos, os quais entremeiam nossos processos linguístico-cognitivos. Ora, se a partir da percepção da experiência organizamos nosso pensamento, o que ocorre caso alguém tenha uma alteração na percepção e seus processos subsequentes? Nosso discurso parte, então, dessas questões para compreender a percepção e sua influência na Linguagem (Lgg) de pessoas com alterações sensoperceptuais.

Nessa perspectiva, veremos nos tópicos a seguir o caminho para a apreensão e compreensão de um mundo que cerca o indivíduo, as quebras para com essa apreensão e suas possíveis implicações para com a Lgg de pessoas com alterações sensoperceptuais.

2 O CAMINHO DA APREENSÃO: percepção, enação e sensopercepção.

A Linguagem (Lgg) humana é obviamente e tautologicamente fruto e mecanismo na inter-relação entre os seres humanos. Logo, transitamos pelos caminhos da biologia, neurologia (numa perspectiva neurocientífica) e psicologia, uma vez que buscamos um entendimento dos aspectos cognitivos da Lgg, os quais são corporificados, isto é, corroborados por uma experiência corpórea.

Lembrando-nos das figuras apresentadas anteriormente (borboleta em seu curso, colisão automobilística, textura de um objeto *etc.*), as compreendemos, em nossa experiência, a partir dos estímulos sensoriais que elas nos provocam. Isso se deve ao fato, numa visão geral, de nosso organismo ser dotado de um Sistema Nervoso Central (SNC), o qual compreende o encéfalo e a medula espinhal (compostos pelos corpos celulares e axônios), dos quais saem ramificações periféricas (axônios) ligadas a

receptores sensoriais (estruturas químicas ou de organismos celulares que captam a informação do meio externo). Entretanto, como humanos que somos, nossa compreensão de um mundo externo não reside apenas em percepções de estímulos (aferência neuronal) e respostas/ reflexos imediatos a esses estímulos (eferência neuronal), há entre essas ações (instantâneas) a inferência/interpretação dos estímulos.

Essa inferência pode ser compreendida em dois aspectos: a) a partir da recorrência de estímulos do ambiente numa determinada base corporal com características individuais da qual emergirá esquemas sensório-motores, que influenciarão novas ou outras percepções e seus reflexos; e b) a organização de uma subjetividade diante desses esquemas, a qual está entremeada aos aspectos da memória, consciência, atenção, inteligência, afetividade, volitividade, *etc.*

O primeiro elemento referido (a) advém das pesquisas de Maturana e Varela (1993; ARENDT, 2000), num processo denominado de *enação*. O segundo provém de estudos em Psicopatologia, entendido como *sensopercepção* (DALGALARRONDO, 2000). Ambas as explicações implicam na influência do ambiente nas experiências do indivíduo, das quais se formarão esquemas tanto de percepção e interpretação de uma realidade quanto na resposta do indivíduo diante dessa realidade, que, por sua vez, se expressa em sua Lgg.

3 ENTENDENDO A REFERENCIAÇÃO

Muitos já refletiram a respeito do tema da *referenciação*. Faz-se, então, interessante, uma breve síntese das visões proeminentes existentes acerca desse tema, quais estudos principais antecedem a esta pesquisa. Ora, o conceito de referência em que o enunciado sempre aponta para *algo* pode ser observado desde o período pré-socrático (século IV a.C), em que os gregos entendiam a Linguagem de maneira *materialista*, isto é, há uma solidariedade do real para com a linguagem, a qual aponta, então, para objetos existentes no mundo, ou seja, para um exterior material representado por ela. (KRISTEVA, 1988: 126-129). Para a Grécia Antiga, então, a referenciação seria um *apontar* para o mundo material. Depois, evoluiu-se esse pensamento para a noção de que essa *referenciação* gera um *conceito*, o qual também pode ser tomado como *referente*. O referente passa, desse modo, a ser compreendido como tudo aquilo que apresenta as características que constituem o conceito.

Posteriormente, essas idéias deram origem à compreensão da *teoria clássica da referenciação*, a qual foi defendida por Glottob Frege (final do século XIX), um dos criadores da matemática lógica moderna e principal difusor de uma semântica lógica. A teoria clássica apresenta, assim, três pontos centrais: i) a ligação entre a palavra e o referente não é direta, mas mediada por um conceito/ descrição; ii) a ligação palavra/conceito é fruto de uma convenção; iii) a ligação entre conceito e referente não é resultado convencional, ou seja, o conceito identifica, caracteriza ou descreve o referente. (CHIERCHIA, 2003: 262, 263).

Kripke e Putnam (século XX) sustentaram a inadequação dessa teoria clássica (*id. ibid.*), considerando que nem sempre o conceito apontará para o referente, podendo, então, por vezes, caracterizar-se o referente de maneira equivocada. Essas considerações funcionalistas, conseqüentemente, levaram a uma nova proposição, conhecida como *teoria causal da referência*; compreendendo-se que havia uma relação de causa e efeito no estabelecimento da ligação palavra/referente (*id. ibid.*: 264-268). Vertente essa atualmente defendida pela corrente gerativista (cf. *op. cit.*).

Em contrapartida a esse enfoque estruturalista da Linguagem (Lgg), no decorrer do século XX (por volta da década de 60), na chamada *virada lingüística discursiva*, surgem vertentes que buscam compreender a Lgg em seus contextos de uso (como, por exemplo, a Pragmática, a Sociolingüística, *et coetera*) e não apenas suas estruturas de expressão (COSTA, 2003). Essas questões vêm, então, corroborar a “virada social” nos estudos da linguagem, como descrita por Gee:

Ao longo das últimas décadas, em meio a uma grande variedade de disciplinas, tem havido uma massiva ‘virada social’, de um foco no comportamento individual (por exemplo, o behaviorismo da primeira metade do século vinte) e mentes individuais (por exemplo, o cognitivismo de parte da metade do século) para um foco na interação social e cultural¹ (GEE, 2000: 180).

Dessarte, nessa linha, surgiram movimentos teóricos *sui generis*, para o estudo da Lgg, que “[...] defenderam suas próprias proposições com relação à importância do ‘social’, cada um com sua própria posição acerca do que [esse] ‘social’ significava”² (*id. ibid.*). Outrossim, abriu-se um espaço para a apreensão da Lgg enquanto instrumento interacional, podendo essa ser estudada, portanto, como pertencente a um contexto específico de realização, o ambiente de produção/uso. Esse ambiente pode ser entendido como construído pelo(s) indivíduo(s) – envolvido(s) num processo peculiar de Lgg – por meio de suas sensopercepções do que lhe é exterior, ou seja, como resultado de sua experiência com o mundo, com as circunstâncias, com seus semelhantes, com uma cultura.

Faz-se clara, então, a existência de uma complexa relação que envolve a Lgg, inserida numa rede discursiva não estática, não formada por elementos muito fixos, mas por construções de relativa e variável estabilidade que, em certos momentos, se conectam como partes de um mutável caleidoscópio (*cf.* GEE, *op. cit.*/ GEERTZ, 2001). Isso pode ser resultado do fato de que a “linguagem não é um ‘órgão mental’ autônomo, mas, pelo contrário, é um complexo mosaico de atividades comunicativas cognitivas e sociais estreitamente integradas com o restante da psicologia humana.”³ (TOMASELLO *in*: TOMASELLO *et al.*, *op. cit.*: ix).

Assim, numa perspectiva *conexionista* se compreende que

reflexão e ação são uma matéria de uso e adaptação para circunstâncias correntes, padrões armazenados ou imagens de nossas experiências passadas. Estes padrões ou imagens são moldados (editados) pelos contextos pessoais, culturais e sociais dessas experiências⁴. (GEE, *op. cit.*: 182)

¹ Over the last several decades, in and across a wide variety of disciplines, there has been a massive ‘social turn’ away from a focus on individual behaviour (e.g. the behaviourism of the first half of the twentieth century) and individual minds (e.g. the cognitivism of the middle part of the century) toward a focus on social and cultural interaction.

² These movements argued their own case for the importance of the ‘social’, each with their own take on what social’ was to mean.

³ Language is not an autonomous “mental organ”, but rather that is a complex mosaic of cognitive and social communicative activities closely integrated with the rest of human psychology.

⁴ [...] thinking and acting are a matter of using, and adapting to current circumstances, stored patterns or images of our past experiences. These patterns or images are shaped (edited) by the social, cultural, and personal contexts of those experiences.

Nessa visão, entende-se que as vivências diárias do indivíduo (as quais ocorrem em contextos situados) durante sua vida, desde seu nascimento, corroboram seu desenvolvimento na construção de *padrões*, *estruturas*, esteriótipos conceituais, que influenciam seus reflexos, ações/ reações em suas novas experiências. Contudo, esses novos contextos vivenciais ainda podem *editar*, com maior ou menor intensidade, imagens anteriormente estabilizadas.

Pode-se até observar essa força *modeladora* da experiência do contexto na estruturação do pensamento e comunicação dos animais, considerada por muitos como apenas de base instintiva e biológica, uma vez que esses não conteriam uma Cultura. Mello e Ribeiro, por exemplo, num trabalho nas áreas de genética e neurociências na Universidade de Rockefeller, perceberam, ao estudar os mecanismos neurais ligados à comunicação e aprendizagem canora em pássaros, que “a ativação de núcleos [cerebrais específicos] do canto ligados aos núcleos da base [geral do cérebro dos pássaros] depende do contexto em que o canto é produzido” (*in*: LENT, *op. cit.*: 627).

Dessarte, pode-se perceber a intensa – e complexa, é claro – interação e mútua influência entre os elementos cognitivos e os socioculturais nos seres humanos, configurando o indivíduo, como já observado pela psicologia, como um ser biopsicossocial (*cf.* REIS, 1999), *i.e.*, um sujeito que contém, de maneira integrada, dimensões biológicas, psíquicas e sócio-históricas.

4 A LINGUAGEM ESQUIZOFRÊNICA

Partindo-se da compreensão da existência do indivíduo enquanto ser reflexivo e criativo (*cf.* MARCUSCHI, 2002), pode-se entender seu pensamento como uma linearização de seu imaginário por meio da Lgg, percebendo esse imaginário como o conjunto mental de sentidos interligados e entremeados de modo complexo.

Assim, a Linguagem (Lgg) gera-se em meio às experiências do indivíduo com mundo, trazendo, por conseguinte, a necessidade de externalização de seus pensamentos (conceitos que se organizam numa Língua - Lg) e, sendo o homem um ser coletivo, há, numa construção de uma coletividade, a comunicação. Esse se utiliza, então, como afirma Koch, de “estratégias de uso do conhecimento” e

esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível [...], bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que permite, no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor [...], mas também outros sentidos, não previstos ou, por vezes, nem mesmos desejados pelo produtor (KOCH, 2005: 97).

Sob tais princípios, havendo alguma deficiência relacionada à aferência neuronal do indivíduo, isto é, certo desequilíbrio no que concerne à sensopercepção do mundo em que se vive, existe, então, nessa ordenação simbólica da linguagem, uma ruptura, uma quebra para com as reações comportamentais (respostas eferentes) esperadas pelas normas da convenção social vigente, a qual acaba sendo expressa na estrutura e em elementos diversos do discurso desse indivíduo que difere de seu meio social.

Essa implicação para com a Lgg se deve ao fato dessa ser fruto de uma construção mental a partir da forma como o mundo é percebido e interpretado; não vindo pronta, dessa maneira, no nascimento do indivíduo, mas *sendo organizada por esse a partir das inferências de suas sensações* (MARCUSCHI, 2005). Bem, se,

conforme neurocientistas (BEAR *et. al.*, 2008: 637), “a experiência sensorial pode afetar a organização cerebral e levar ao aprendizado e à memória”, quanto mais haveria implicações das sensações sobre a Lgg. Na busca de um balanceamento desse desequilíbrio, com relação à fluidez do código comunicacional, Givón (*in*: TOMASELLO *et. al.*, *op. cit.*: 53) apresenta que “para compensar, falantes-ouvintes [afásicos, por exemplo] confiam bem mais num escaneamento e análise das várias formas e gradações do contexto”, entendendo-se, possivelmente, que no ambiente se constrói uma estabilidade dos sentidos na comunicação.

Como já pôde ser observado por vários teóricos da Lgg (cf. KRISTEVA, *op. cit.*), o sujeito é constituído, ou melhor, construído a partir de sua consciência como indivíduo num mundo externo a ele próprio, com o qual o sujeito se relaciona por meio de sua percepção e ação sobre ele. Dessa mesma forma, havendo intempéries na percepção do mundo pelo sujeito, desenvolvem-se, de certo modo, marcações particulares em sua estrutura lingüístico-cognitiva, sendo refletidas, por conseguinte, na fala do indivíduo.

Não se deve esquecer, no entanto, as idiosincrasias de cada ser, que, durante sua construção como sujeito em contato com o mundo mediado pela Lgg, percebe esse exterior de uma forma própria e única num contexto específico e singular, dando a essa experiência, mesmo que compartilhada, uma característica peculiar. Sem esquecer-se, entretanto, do que expõe Chafe:

Cada experiência pode ser sem importância em si mesma, mas a gradual acumulação de experiências dentro de cada indivíduo e dentro de uma rede social constrói um fundo de conhecimento moldado que ultrapassa o que qualquer pessoa poderia ter adquirido se limitado o que ele ou ela experienciou diretamente⁵ (CHAFE, *in*: TOMASELLO *et al.*, *op. cit.*: 97).

A fala de pessoas com esquizofrenia, mostra-se, então, como *locus* propício a uma investigação de tais premissas, que vez que a esquizofrenia é considerada uma doença neurológica que traz, em seu caráter gerador de delírios/ alucinações, alterações peculiares da Lgg, “indicativas de como o processo de pensar, a formação e utilização de conceitos, juízos e raciocínios estão profundamente afetados pela desestruturação esquizofrênica” (DALGALORRONGO, *op. cit.*: 148), o que poderia afetar de forma inexorável os processos de referenciação. De acordo com Dalgalarongo (*id. ibid.*: 149), é possível, então, encontrar no enunciado esquizofrênico as seguintes implicações lingüísticas: i) neologismos (criação de novas palavras); ii) estilizações, rebuscamentos e/ ou maneirismos (esteriotipação da Lgg); iii) jargonofasia/ esquizofasia (salada de palavras); iv) criptolalia (fala incompreensível, língua privativa ao doente); v) parafasias (deformações fonológicas nas palavras); e vi) graus diversos de afasia nominal (déficit na nomeação de objetos e imagens).

Dessarte, sendo a Lgg tecida numa relação de significação formada a partir da maneira como o indivíduo percebe tudo o que o cerca, os problemas perceptuais/ inferenciais oriundos da “loucura” esquizofrênica afetariam essas relações de significação, ou seja, os conceitos que o indivíduo esquizofrênico fala pode não ser o mesmo percebido por seu interlocutor, e vice-versa, o que implicaria em associações

⁵ Each experience may be trivial in itself, but the gradual accumulation of experiences within each individual and within a social network builds a fund of shared knowledge that far surpasses what any one person could have acquired if limited to what he or she experienced directly.

semânticas divergentes, por vezes conflitantes (a do sujeito com esquizofrenia em oposição à relação referencial realizada por seu interlocutor), aspectos esses por demais interessantes aos estudos linguísticos (numa perspectiva social-cognitiva).

Sendo assim, partindo-se de uma *etnografia semiótica*, numa extensa obtenção/ coleta de dados para a compreensão cognitiva da Linguagem (Lgg), pode-se buscar o entendimento acerca de unidades que construam a Lgg, as quais se correlacionariam na construção dos sentidos do evento linguístico descrito, entendendo-se o termo *unidade*, como apresentado por Vigotski, se referindo

a um produto de análise que, ao contrário dos elementos, conserva todas as propriedades básicas do todo, não podendo ser dividido sem que as perca. A chave para a compreensão das propriedades da água são as moléculas e seu comportamento, e não seus elementos químicos. A verdadeira unidade da análise biológica é a célula viva, que possui as propriedades básicas do organismo vivo./ Qual é a unidade do pensamento verbal que satisfaz esses requisitos? Acreditamos poder encontrá-la no aspecto intrínseco da palavra, no *significado* da palavra (VIGOTSKI, 2005: 5).

Não se deve aqui, todavia, entender *palavra* enquanto *rhema* (ῥημα), um elemento mínimo de significado, mas compreendê-la como *logos* (λογος), relacionada, deste modo, a vários conceitos interligados que, por sua vez, instituem-se como domínios de significação (ou domínios mentais, espaços mentais) os quais se constituem numa relação de generalidade para com os conceitos, os quais representam conteúdos de sentido (*cf. id. ibid.*: 138).

Com relação à construção/ utilização dos significados numa conversação, por exemplo, como averiguou Vigotski, essa é impelida por um motivo (volição - desejo do locutor/ locutário; resposta/ reflexo ao ambiente; pulsões; *etc.*), onde

o desejo ou a necessidade levam aos pedidos, as perguntas conduzem às respostas, e a confusão à explicação. Os motivos variáveis dos interlocutores determinam a todo o instante o curso da fala oral. Ela não tem que ser conscientemente dirigida – a situação dinâmica se encarrega disso (VIGOTSKI, 2005: 124).

Isso se deve à característica de materialidade da Lgg que, por sua vez, evidencia um fluxo do pensamento para sua produção. E acerca dessa premissa, até teóricos que defendem uma visão de uma mente autônoma, desligada do contexto social e histórico, apontam, como Chierchia (2003: 24), que “a linguagem é a manifestação mais ampla e acessível da nossa vida mental e por isso constitui uma porta de acesso insubstituível ao estudo da mente humana”.

5 A PERCEPÇÃO NA LINGUAGEM ESQUIZOFRÊNICA

Em 2007, o autor deste projeto realizou transcrição⁶ e análise de uma entrevista entre um psiquiatra (Amanda - A) e um paciente com esquizofrenia (Bruno - B)⁷ – nomes fictícios utilizados – no qual podem ser marcadas implicações linguísticas

⁶ Os termos de incerta compreensão na gravação foram transcritos por meio de símbolos fonéticos (padrão internacional) entre parênteses simples.

apresentadas por Dalgalarrodo (*op. cit.*: 149), que pode ser observado o trecho⁸ a seguir:

- /.../ [aos 22 min. e 54 seg. da gravação]
- A: mhm,
seus sonhos costumam: parecer com as
situações que você vive no dia-a-dia”
- B: alguns sim
- A: mhm, (5.0) [05]
tá/ e você acha que esses sonhos assim/ (+)
é cê tem freqüentemente os sonhos que
você se sente mal”/ ((barulho))
- B: [((incompreensível)) com ele/
[é (por'ke) ((barulho)) [10]
os sonhos são::
(ima3ẽj.mui.trãn'kwil)
- A: mhm/ ((barulho))
- B: (ũm):
- A: enigmática né’ [15]
é:: exatamente/ (2.0)
e: você relacionou a: o aparecimento desses sonhos
assim: esquisitos que vo:cê: diz/ o início (+)
do os sintomas que cê tá sentido [com] as vozes/
[isso] [20]
- A: se relaciona isso”
- B: relaciona (+)
- A: quando cê tá melhor na doença:
os seus sonhos mudam” (+)
- B: mudam [25]
- A: mudam’/ cê tá usando a medicação direitinho:
esses sonhos mudam também”
- B: mudam/ (2.5)
- A: quando eu tava sem tomá o remédio (+)
- B: eu tive um sonho que eu tava ('mohtu),/ [30]
foi”/[como] é que foi esse sonho”/
- B: [é]
- A: me conta
- B: as imagens: eram elas tudo::
distorcida assim [35]
- A: mhm
- B: a: (+) (da'pa]kaʃ)
as ('cazas) assim derretia
assim

⁷ A gravação foi obtida e cedida por Natália Bezerra Mota, estando ela sob a orientação de Sidarta Ribeiro, ambos pesquisadores reconhecidos internacionalmente, pertencentes ao Instituto Internacional de Neurociências de Natal (cf. SOUSA JUNIOR, *et. al.*, 2007).

⁸ Os números entre colchetes e alinhados à direita marcam numeração das linhas deste trecho, visando facilitar a referência das citações analisadas.

A: mhm, [40]
 B: e tinha uma cachorro
 na minha frente né/
 B: eu lembrei [carta] do tarô do louco
 A: [mhm,]
 que ele tem um cachorro na frente dele [45]
 A: sei
 B: só que era um sonho horrível não é?
 porque na certa eu não tomei o remédio (+)
 /.../
 [aos 24 min. e 27 seg. da gravação] . (SOUSA JUNIOR, *et. al.*, 2007).

Tomando-se, então, como exemplo para análise, a observação dos processos de referenciação no trecho acima, percebem-se algumas categorias como: “morto” (ℓ. 30); “as imagens [...] elas tudo distorcida” (ℓ. 34, 35); “casas” (ℓ. 38); “carta do tarô do louco” (ℓ. 43); “sonho horrível” (ℓ. 47). Há, então, uma seleção de informações que o emissor intenciona transmitir associadas a essas significações, compreendendo que “a maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva *sobre* o mundo e de nossa inserção sociocognitiva no mundo pelo uso de nossa imaginação” (MARCUSCHI, 2003). Surgem, então, questões que poderiam ser mais aprofundadas, com uma sondagem junto ao indivíduo psicótico, acerca de quais seriam, por acaso, as relações que ele faria acerca de se estar “morto” ou a que ele associaria a idéia de “imagens [...] tudo distorcida” ou “casas”, signos originários da construção de sua *experiência de vida* (sensopercepção cognitiva do mundo somada às impressões de seu *habitat sócio-histórico-cultural*).

Outro elemento observado no excerto do diálogo entre Amanda e Bruno se refere à construção do conceito “carta do tarô do louco” (ℓ. 43), no qual pode ser percebido o processo de referenciação ocorrendo entre o próprio indivíduo em sonho e a “carta” mencionada. A percepção de si no sonho (“mortu”), a loucura associada (“imagens distorcida”/ “as casas assim derretia”), o cão à sua frente (“tinha uma cachorro na minha frente”) remontavam a própria “carta”, onde o indivíduo era o louco. Outrossim, a narração do sonho pelo sujeito constrói e dá sentido ao termo “carta-do-tarô”, viabilizando, assim, seu uso no diálogo (ver ℓ. 34-43).

6 CONCLUSÃO

Dessarte, uma vez que, sendo a referenciação uma relação de significação formada a partir da maneira como o indivíduo percebe tudo o que o cerca, os problemas perceptuais/ inferenciais oriundos da “loucura” esquizofrênica afetariam essas relações de significação, ou seja, a categoria da qual o esquizofrênico fala pode não ser o mesmo percebido por seu interlocutor, o que implicaria em associações semânticas divergentes (a do sujeito com esquizofrenia em oposição à relação referencial realizada por seu interlocutor), aspectos esses por demais interessantes aos Estudos da Linguagem.

Esta pesquisa contribui para a compreensão acerca de elementos que compõem a Lgg, a referenciação, os objetos-de-discurso em contexto de ensino-aprendizagem. Outrossim, a análise dos processos de referenciação na fala esquizofrênica traz à tona um discurso marginal, interessante à LA, já que “os espaços marginais [...] seriam um *locus* de ocorrência do novo, e com eles poderíamos aprender a ‘ver com outros olhos’ o mundo que nos cerca (FABRÍCIO *in*: MOITA LOPES *et. al.*, 2006: 52); havendo, também, a valorização do que é produzido pelo indivíduo com

esquizofrenia, independentemente de sua situação de alteração psíquica, uma vez que este

tem igualmente atrás de si, uma vida humana normal. Já foi criança, adolescente, jovem, adulto. Já teve relações humanas sadias, quiçá bastante promissoras. Esteve noivo, casou-se, foi pai ou mãe. Enfim, [...] foi homem e continuou a sê-lo. Antes de mais nada, deseja ser tratado como homem, – sim, como homem *normal*. (VAN DEN BERG, 1978).

Assim, traz-se um foco sobre “como os conhecimentos podem trazer ganhos sociais para as pessoas e melhorar sua qualidade de vida” (MOITA LOPES *in*: MOITA LOPES *et. al.*, *op. cit.*: 41).

Por fim, Ponderar acerca das questões cognitivas da linguagem pode não ser uma fácil tarefa, uma vez que o escopo cognitivo humano é construído em meio a suas experiências com o mundo (iminentemente social), num contexto situado no tempo e espaço, mergulhado numa determinada cosmovisão interacional (cultura), os quais se configuram numa rede complexa de paisagens/ domínios integrados.

Para compreender, então, o Social (ambiente-cultura-história) pode-se viabilizar ferramentas de uma etnografia semiótica, numa tentativa de descrever densamente o contexto em que se insere o momento linguístico a ser estudado. Por sua vez, uma compreensão sócio-histórica da mente aliada a estudos linguísticos de linha pragmática, numa nova psicologia da Lgg, abarca o elemento Linguístico entremeadado às suas questões de construção do sentido.

Configura-se, portanto, num viés *indisciplinar* (MOITA LOPES, *op. cit.*), a necessidade de utilização de instrumentos conceituais/ analíticos originários de linhas teóricas que tenham em vista a integração de elementos como Lgg, Sociedade e Cognição.

Portanto, sob tais perspectivas a respeito da Lgg, procura-se seguir um caminho inverso na produção da Lgg, isto é, a partir da compreensão dos aspectos linguísticos da fala do indivíduo esquizofrênico, chegar à sua forma de organização da Lgg, como ela se instaurou enquanto realização social na mente desse indivíduo, organizando e permeando o seu pensamento, expressando um imaginário *sintagmatizado*, uma vez que *a Lgg constrói o mundo e o mundo constrói a Lgg* (MARCUSCHI, 2005), investigando-se as implicações das alterações sensorceptuais oriundas da esquizofrenia sobre Lgg.

Esse seria, portanto, um caminho mais produtivo para a compreensão de processos cognitivos, já que, como afirma Morato (2000: 151) acerca das reflexões vigotskianas sobre a Lgg, “não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos”, o que faz da reflexão da Lgg uma luz para o conhecimento acerca da construção do sujeito, enquanto ser que se constitui a partir da ordenação do pensamento/ imaginário pela Lgg.

BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Ronald J. J. O desenvolvimento cognitivo do ponto de vista a enação. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.13, n. 2, p. 199-215, 2000.

- BEAR, MARK F., CONNORS, Barry W., PARADISO, Michael A. *Neurociências; desvendando o sistema nervoso*; [tradução Carla Dalmaz et. al.]. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*; [tradução Luis Arthur Pagani et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, Londrina: EDUEL, 2003.
- COSTA, C. F. *Filosofia da Linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. São Paulo: Editora Artmed, 2000.
- GEE, James P. The new literacy studies; from 'socially situated to the work of the social. in: BARTON, David, HAMILTON, Mary, IVANIC, Roz (eds.). *Situated Literacies; reading and writing in context*. London: Routledge, 2000. p.180-196.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*; [tradução Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KOCH, Ingedore G. V. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N. S., NAME, M. C. (orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 49-77.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1988. (Coleção Signos)
- LENT, Roberto. *Cem bilhões de neurônios; conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.
- MARCUSCHI, Luís A. A construção do mobiliário do mundo e da mente; linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N. S., NAME, M. C. (orgs.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 49-77.
- _____. Do código para a cognição; o processo referencial como atividade criativa. *Revista de estudos lingüísticos Veredas*, Juiz de fora, v.6, n.1, p. 43-62, 2002.
- MOITA LOPES, Luís P. (org). et. al. *Por uma lingüística indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MORATO (org.), et. al. *Sobre as afasias e os afásicos*; subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos; Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2002.
- REIS, Joaquim. Modelo metateórico da Psicologia da Saúde para o séc. XXI; interação ou integração biopsicossocial?. *Revista Análise Psicológica*, Lisboa, v. 3, n. 17, p. 415-433, 1999.
- SOUSA JUNIOR, N. F. et. al. O discurso e a construção do sujeito: considerações sobre a linguagem a partir da análise de aspectos da fala de pacientes esquizofrênicos. In: COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 1., 2007, Natal, *Anais...* Natal: UFRN, 2007. 1 CD-ROM.
- TOMASELLO, Michael (ed.) et al. *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.
- VAN DEN BERG, J. H. *Pequena psiquiatria*; para estudantes e para os que colaboram com o psiquiatra. tradução Francisco Van de Water. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- VARELA, F. et. al. *L'inscription corporelle de l'esprit; sciences cognitives et expérience humaine*. Paris: Editions du Seuil, 1993.
- VIGOSTKI, Lev S. *Pensamento e linguagem*; [tradução Jefferson Luiz Camargo]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.